

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.

le ne fay rien
sans
Gayeté

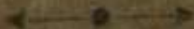
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VIENTE DE BARCELONA

RELICARIO

VERBOS



1888

En venta por el Ministerio de Instrucción

RELICARIO

VERSO

1888

l. x. na rev. do «Diario de Santos»

A. Theophilo Aas

Vicente de Saravalle

RELICARIO

• RELICARIO

VICENTE DE CARVALHO



RELICARIO

VERSOS



SANTOS

Typ. do Diario de Santos

1888

Et les oiselets tout joyeux
S'envoleront dans la lumière.

F. COPPÉE.

MINIMA NOVA



RELICARIO

-x-

FRAGMENTO

DE UMA CARTA

Vivo aqui neste ermo agreste
Entre passaros e rosas,
Beijando as letras graciosas
Da carta que me escreveste.

Quando é madrugada, saio
Pelos campos orvalhados
A encher os pulmões cançados
Com toda a seiva de Maio.

E as aves, pelas ramadas,
Communicam-me à alma, rosa,
A alegria contagiosa
De umas lípidas risadas.

« Não trouxe livros apenas
Leio, encantada chimera,
O poema da primavera
Nas folhas das assuções.

A orchestra dos passarinhos
Me extasia e me embebeda,
Em vez de Ilúgo e de Espronceda :
Ouço as estrophes dos ninhos.

Volta-me sangue... A alegria
Brota em meu peito doente
Como um lírio alvinitente
Numa caveira sombria ;

E espero poder em breve
— Sadio, intrepido. forte —
Minha existencia depor-te
Nessas mãosinhas de neve... »

NOS OLHOS DELLA

ALFREDO DE SOUZA

QUANDO esse olhar ingenuo eu fito, quando
A vista embebo nesse olhar mavioso.
Parece-me que vejo um delicioso
Quadro meus olhos se desenrolando...

E' numa terra em flor onde, abanando
Às virações leque bolicoso.
Viça a palmeira sob um ceu radioso.
De agreste aroma os ares perfumando.

Vejo um bosque onde a luz da madrugada
Filtra em fios rarissimos coada
Entre tolhas flores do arvoredo ;

E sobre um tronco, e descuidados, vejo
Paulo e Virginia desfolhando um beijo
— Ambos amando, e a sós, e ambos sem medo...

EM OUTUBRO

OLIVEIRA BRAGA FILHO

Olá, de volta, primavera!
Bom dia! Enfim voltas, bem ve-se,
No ceu azul que reverbera,
No campo em flor que reverdece.

Como um nababo sumptuoso
O sol que reaparece agora
Passa arrastando esplendoroso
Manto de pupura da aurora.

E para festejar-lhe a volta,
A este formoso sol de Outubro,
A natureza desenvolta
— Ao seu olhar faminto rubro

Coquettementemente se engrinalda
De flores, e mostra a riqueza
Dos seus vestidos de esmeralda,
Dos seus vestidos de princeza.

Ar domingueiro_o bosque assume;
Tornam-se, á luz de um claro dia,
As flores — cheias de perfume,
As almas — cheias de alegria.

Sim, isto agora é que é outra cousa!
Sente-se a gente mais gosto
Do que por baixo dessa lousa
— O ceu tristissimo de Agosto.

No inverno phantasia arrasta
O vôo para a sombra negra
De uma região erma e nefasta
Que luz alguma não alegra

Meu coração, esse estovado
Que a luz da aurora contaminava,
Sente-se preso e asphyxiado
Entre as paredes da neblina.

E enquanto fora uivam os ventos
Vergando as arvores, eu ouço
Dentro de mim, como lamentos
No fundo lóbrego de um poço,

Vozes funereas, todo um côro
De imprecções de blasphemias
Dentro do peito, um sorvedouro,
Gera-as a sombra e o tédio geme-as....

Mas hoje voltas, primavera !
E esse ten halito fragrante
Da flores á campina. gera
Na alma a alegria hilariante.

Voltam-me agora os bellos sonhos
Olho em minha alma e julgo vel-os
Abrindo os cálices risonhos
Ao sol, com as flores, entre os gelos.

E da chimera a aza travessa
Voa pela minha alma a fora
Como um insecto que começa
O vôo ao despontar da aurora.

Noiva do sol e minha noiva,
Minha alma é quando estis ausente
Como um sepulchro que se engoiva
De maguas, funerariamente ;

E em cujo fundo apodrecido
O riso, podre e desconjuncto,
Como um cadaver esquecido,
Dorme o seu somno de deiuncto...

Mas quando voltas, quando volta
Ao campo a veste de esmeralda,
E a natureza desenvolta
Coquettementemente se engrinalda,

Sim, quando a rir surges e tornas.
Quando teu esplendor assoma
No ceu, e sobre a terra entornas
As tuas amphoras de aroma.

Na sombra de minha alma brota,
Viva, a alegria: o riso vem...
E eu rio como um idiota
E sou feliz como ninguém.

RACHEL

FILINTO DE ALMEIDA

Volvo, saudoso e alegre, a este ermo, de onde
Sahi criança onde não mais volvêra
A ultima flor da minha primavera
Morta, sob estas arvores se esconde.

E ainda hoje, tudo que com os olhos sonde.
Arvores, sombra, os muros cheios de hera.
Tudo—lembranças na minha alma gera.
Tudo— a reminiscencias meresponde.

Tudo acho o mesmo... Unicamente aquella
Palmeira em cujo dorso o nome della
Tremulamente as minhas mãos gravaram,

Perdeu as letras com o correr dos annos...
E esse nome que os annos lhe apagaram,
Não m'ò apagaram da alma os desenganos!

ARTHUR BASTOS

Que foi-te a vida mais do que uma breve
Primavera dourada
Que, mal aberta, se cobrio de neve?

A alma infeliz cahio-tê desfolhada
Ainda dos bellos annos
Na florescente limpida alvorada.

Cahio-te ainda enfeitada dos enganos
Que floresciam, ainda
Sem ter provado o fel dos desenganos.

Quando morreste, a vida ainda era linda.
Ainda sorriam nella
As alegrias que velhice finda...

Era em Dezembro : luxuriante bella,
A natureza abria
As flores rubras que verão revela,

A voz das aves, o fulgor do dia,
Tudo o que natureza
Tem de esplendor, de festa, de alegria,

Tudo sorria em torno da tristeza
Do leito em que tu eras
Da morte escura a miseranda presa.

A morte, a morte, a mais feroz das feras.
Com garra denegrida,
Vinha esfo'har-te as ultimas chimeras...

No momento supremo, a alma ferida
 Como que alliviou-se,
E tu, sentindo um impeto de vida,

Chegando-te á janella, olhaste doce
 Madrugada, e sorriste
— Como si vel-a um bálsamo te fosse.

O sol com pela tua alma triste...
 Talvez nesse momento
Alguma flor pela existencia vis'e.

Foste feliz talvez ! O soffrimento
 Parou, sentiste o scio
Com sangue novo delicioso alento...

Como da luz que morre bruxoleio,
 Um bruxoleio agita
Sempre do moribundo o ultimo anecio

Etu disseste : « Que suprema dita
 « Esta, de em meu desmaio
« Sentir que o sangue ferve-me e crepita !

« Amanhã certamente me ergo e saio
« Para o campo, a embeber-me
« De luz, do sol num purpurino raio...

« Sim, amanhã de certo posso erguer-me ' »
E nesse instante, a morte
— Como um trahiçoeiro e silencioso verme, —

Surprehendeu-te feliz e a rir, de sorte
Que, mal ias abrindo
O coração, ferio-o estranho córte

E a alma se te esfolhou sonhando e rindo.

1885.

FOLHA SOLTA

És o ninho abandonado
Dos sonhos de nosso amor...
É o mesmo o chão onde oscilla
A mesma sombra tranquilla
Dos arvoredos em flor.

É o mesmo o banco de pedra
Onde assentados nós dois
Fallámos de amor um dia...
Lembras-te ? Então que alegria,
É que tristeza depois !

Fallamos de amor... E sobre
Minha alma arqueava-se azul
De teu olhar transparente
Como o ceu alvorecente
Das nossas manhãs do sul.

Que sonhos — lírios abertos
Em nossas almas, então !
Que formosas esperanças
Como soltas pombas mansas
Pelo ceu do coração !

Quando eu partia, chorámos...
Toda alma se me desfez :
Cada lagryma cahida
Era uma folha da vida
Que eu desfólhava a teus pés.

Então amavamos tanto !
Tanto esqueccemos após !
E de minha alma, aereo e doce,
Foi-se afastando... e calou-se
O ultimo som de tua voz.

Passaram-se os annos — sombras
Que iam crescendo em redor
Daquelle sol affundado
Nos abysmos do passado
— A estrella de nosso amor.

E hoje volto... Tudo é mesmo
Que quando amámos, aqui:
Sombra, passaros, fragancia,
Tudo me falla da infancia,
Tudo me falla de ti!

Abril desenrola em torno
Seu esplendor festival...
Tudo é jubilo... No entanto
Não mesclas teu doce encanto
A este encanto matinal

Não voltas, pomba emigrante,
Ao ninho de onde se ergueu
Teu vôo, abrindo caminho
Em busca de um outro ninho,
Sob o azul de um outro ceu.

Encontro o ninho deserto...
Volto, o seio immerso em dor,
Em pranto os olhos immersos...

E aqui deixo nêstes versos
O ultimo sonho de amor!

AOS QUINZE ANOS

BERTHA, sorrindo e entrelaçando o braço
No meu, disse-me um dia: «Ao campo!» E fomos...
Amanhecia a aurora pelo espaço
E o sol de Outubro purpleava os pomos.

Das trejeleiras sob a lajaria,
Pela sombra das arvores quietas,
Bertha, jovial como um canario, ria
Rouxinolando phrasas in:ompietas.

Ora, com o alvor de suas mãos pequenas
Apontava-me um passaro de pluma
De ouro, um bouquet de frescas assucenas
Rebentando no chão, alvas de espuma :

Ora dizia : « Vê como este raio
De sol, filtrando entre as folhagens, doura
O solitario e misero desmaio
Daquella flor humilde e scismadora... »

E o seu olhar azul e intelligente,
Limpido como um ceu de primavera,
Nos meus olhos pousava, descontente
Como quem faz uma pergunta, espera...

Eu seguia-lhe os passos, distrahido,
E ella sempre a chilrear ! Dessa maneira,
De cada flor dizendo-me o appellido,
la explicando a primavera inteira.

Às vezes, quando um passaro voava
Subitamente e com estrondo, o scio
Para o meu scio Bertha aconchegava
Tremula, arfar de susto e de reccio

Eu dizia-lhe a esmo alguma phrase,
E na quando ella me olhava rindo.
E nem sentia que meu labio quasi
Rogava á flor daquelle rosto lindo...

Bertha correndo, inutil tentativa.
Atraz de um colibri de extranhas cores,
Vendo-o fugir dizia pensativa :
« Ha corações como esse beija-flores... »

E eu, distraído, tímido, seguil-a,
Mal a esentava : respirava a aragem
Fresca e perfumea, e numa voz tranquilla
La fazendo a critica á paisagem.

E seu olhar azul e intelligente.
Limpido como um ceu de primavera,
Nos meus olhos pousava, descontente
Como quem faz uma pergunta, e espera.

Voltámos... Pelos murmuros caminhos,
Por entre as mesmas sombras deliciosas,
Cheias dos mesmos canticos dos ninhos,
Cheias do mesmo bálsamo das rosas,

Bertha não era mais alegre e asinha,
E quando agora, tremulo indeciso,
Sorrindo o labio se lhe abria, vinha
Um suspiro entre as rosas do sorriso.

Quando chegámos disse-me ella, com esse
Ar de quem no desanimo repousa :
« Seja ! Não penses em tudo isto, esquece ! »
E eu, desde então, não penso n'outra cousa !

A UM VELHO

VENDO-TE, lembra-me a velhice negra
— Inverno já sem brilho e já sem flores,
Ceu que um raio de aurora não alegria.
Arbusto nú dos ultimos verdores ;
Abysmo onde a alma, cheia de cansaço
Dorme, dos desalentos earcomida,
E para onde me arrasta cada passo
Com que tropeço pelo chão da vida.

E vendo-te hoje, contemplando, ó ve'ho !
Esse despojo triste dos teus dias,
— Nevoas onde fulgia um céu vermelho.
Maguas, onde cantavam alegrias;
Entristeço-me, e vejo abrir-se deante
Do meu olhar — a sombra merencória
Da velhice, engolindo — abysmo hiante —
Sonhos de amor, aspirações de gloria !

Eu vejo o que hei de ser, quando os enganos
Da mocidade, n'um desfeito bando,
A' correnteza túrbida dos annos
Forem-se pouco a pouco resvalando :
Quando a força vital que hoje me anima
Fugir-me aos frouxos membros e eu, no escuro,
Fitar os olhos pelo céu acima...
E não achar nem brilho, nem futuro

Deve ser triste o misero abandono
Das illusões mais louras, mais fallazes,
E ir procurando derradeiro somno
Como sombrio e derradeiro oásis;
Deve ser triste olhar pelo passado
Flores bordando a beira dos caminhos
E ver deante de si tudo gelado,
E os passos arrastar por sobre espinhos !

De que vale viver, si a vida é isto ?
Si vac-se no caminho solitario,
Como esse pobre e moribundo Christo
Subindo a ingreme encosta do Calvario ?
Subimos entre espinhos e entre rosas,
A alma cheia da luz de tanto sonho,
Para alcançar as sombras pavorosas
De um cavernoso pelago medonho !...

Aves ! sois mais felizes que noss'alma !
Rosas ! Sois mais felizes que nós somos !
E vós, arvores, raios, que na calma
Do estio abris os purpurinos pomos !
O inverno que vos cala e vos desfolha .
Aves e rosas, passa; o estio volta...
E a nós não volta uma perdida folha
Um sonho azul que o desalento solta !

E vendo-te hoje, e contemplando, ó velho !
Esse despojo triste dos teus dias.
—Nevoas onde fulgia um céu vermelho,
Maguas onde cantavam alegrias;
Entristeço-me e vejo abrir-se, deante
De meu olhar, a sombra merencoria
Da velhice engolindo—abysmo hiante—
Sonhos de amor, aspirações de gloria !

CATÃO

PEDRO ARANHA

QUANDO Cezar, o tigre aureolado de louros,
Alastrou de um montão infame de desdouros
Utica, e a mergulhou da escravidão na lama,

Catão, o forte, o herói das lendas da bravura,
O estoíco vencedor da tria desventura,
—Corpo feito de bronze, alma feita de chamma,

Sentio varar-lhe a rija intrepidez a seva
Ponta do desespero—esse punhal de treva ;
E, como a um terremoto abala-se um granito,

Nas rudes convulsões daquella dôr tamanha
Que atirava sobre elle um peso de montanha,
Sentio-se-lhe abalar o coração invicto...

Elle via cahir agora, esboroadas,
Dos humilhantes pés de inimigos calcadas,
De Utica as tradições gloriosas de outras eras ;

Via-as tombar nas mãos do despota do mundo
Como uma flôr que rola a um pelago sem fundo
Como um corpo atirado á fome das pantheras...

E estava condemnado inexoravelmente,
A ver como um leão indomito e impotente,
Como outro Prometheu preso a um rochedo novo

Barbaras multidões de vencedores torvos
Darem pasto ao furor famelicos de corvos
Na podridão mortal da escravidão de um povo...

Allucinou-o a dôr ; fraco por fim, o forte
Catão pediu abrigo á placidez da morte ;
Desembainhando a espada, a intrepida guerreira,

Enterrou-a no peito... E foi nesse momento
Que ao sahir-lhe do labio o derradeiro alento
Cahio-lhe pelo rosto a lagrima primeira.

S. Paulo—1884.

D. FLOR

A LUIZ SUPPLY

I

ELLA é tão meiga ! Em seu olhar medroso
Vago como os crepusculos do estio
Treme a ternura como sobre um rio
Treme a sombra de um bosque silencioso.

Quando, nas alvoradas da alegria
A sua bocca humida floresce,
Naquelle rosto angelico parece
Que a primavera derramou-se um dia...

Vendo-a, julga-se ver um anjo... Emtanto,
Sob esse rosto onde resplende o encanto
Vive escondida uma alma de mulher,

Que a rir-se esfolha os sonhos de que eu vivo,
Como atiram-se ao vento fugitivo
As folhas sem valor de um malmequer...

II

Nunca te posso ver, e todavia
Eu não vejo outra cousa.

JOÃO DE DEUS.

ERA um tronco sombrio
Morto de sede á beira da corrente ;
Sobre os barrancos ásperos do rio
Belia unicamente
Frescura e seiva quando o rio erguia
As aguas turvas na explosão da enchente.

Mas então como o triste revivia!
Como vingava o pobre tronco insano
 No jubilo de um dia
 A tristeza de um anno!

Soffregamente submergindo na agua,
 Bebia-lhe a frescura ;
 E ao fundo dessa magua
Nua, infecunda, dolorida, escura,
Folhas brotavam, rebentavam flores,
Reverdecia o tronco....
 O' minha pura,
O' minha doce amada ! Em meus amores
Sou como essa raiz morta de sede
E que floria de anno em anno apenas.

Raro, raro succede
 Que raie em minhas penas
A ventura de ver-te : passo a vida
Triste, ausente de ti, desconsolado...
E basta que te veja o rosto amado
Para sentir minha alma reflectida !

III

Às vezes se me arranca
Do peito um sonho, e vai
—Única pluma branca
Que a uma ave negra sae—

Pousar-te ao seio... E eu seismo :
Pois sendo amada assim
Não poderias, diz-m'ó,
Amar e amar-me a mim ?

Nem ha rosa nos valles
Nem lirio, meu amor,
De cujo humido calix
Não se derrame olor.

O pequenino insecto
Nas petalas de um liz
Repousa o vôo inquieto,
Esconde-se, e é feliz.

Como elle, bem podera
Meu coração tambem
Leber a primavera
Que essa alma em si contem.

Nem deita unicamente
O sol sobre os rosaes
A aurora resplendente
É as pompas matinaes.

O mesmo claro raio
Que ás rosas dá fulgor,
Pousa sobre o desmaio
Da mais humilde flor.

Sobre minha alma escura
Hade talvez raiar
A aurora da ventura
Na luz de um teu olhar.

Meu coração espera,
Idolatrada flor !
Creio na primavera,
Creio no teu amor !

IV

É MEU amor um antro desolado
Onde, tantalico e febril, eu vivo
A olhar-te como olham para um prado
Livre e sylvestre, os olhos de um captivo.

Mas si em teus olhos virginaes mergulha,
Minha alma encontra nelles uma pura,
Uma doce, uma vivida fagulha
Como uma estrella nuraa noute escura.

Debalde tentas esconder, ó louca,
O amor ; debalde tentas escondel-o :
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo.

Às vezes, com teus risos venenosos
Feres-me o coração ; mas a caricia,
Rompendo-te dos olhos piedosos,
Banha a ferida em ondas de delicia.

E então—ouve, não tentes illudir-me !—
Vejo tua alma em flor, tua alma ardente...
Debalde ris do amor para affligir-me :
Mentem os labios, mas o olhar não mente !

Não, não mente esse olhar que assim me fita
Involuntario, languido... Tu amas !
Nelle o clarão de um grande amor crepita
Como um volcão que se desata em chammas.

Debalde tentas esconder, ó louca !
O amor ; debalde tentas escondel-o...
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo !

V

CREANÇA que eu abençoó !
Tu passas na minha vida
Como sobre o mar o vôo
De uma alcyone perdida.

Tens sempre um riso, um carinho,
Nas maguas mais dolorosas,
Como petalas de rosas
Que espalhas no meu caminho.

Quando abate-me a coragem
O desalento que dá-nos
O esvair de uma miragem,
A agrura dos desenganos,

Si exanime eu tomo, em meio
Das sombras do meu deserto,
Ouço-te à voz—e desperto!
Vço-te os olhos—e creio!

Brisa que sópras descida
Do ceu azul de Cythera,
Enches-me os crmos da vida
De effluvios de primavera...

ADORMECIDA

A E. FERREIRA

Divina fermosura, alma divina!

A. FERREIRA.

ELLA estava dormindo... E sobre o leito
Se reclinava languorosamente
Aquelle corpo esculptural, perfeito...

Era como uma pomba que, dormente,
Confundisse a brancura da plumagem
Com a brancura do ninho alvinitente.

Dormia... E sob as rendas da roupagem
Sentia-se-lhe o scio que ondulava
Como a lagoa no tremer da aragem.

Negra, a madeixa se desenrolava
Dos lençóis pelo alvor immaculado
Num perfumoso mar que os alagava.

Era tão bella assim, o olhar cerrado
Na volupia de um sonho que se abria
Na alma como os lírios pelo prado !...

Como no ceu, quando desponta o dia,
A aurora raia, de um sorriso a aurora
Pelo seu meigo rosto se expandia.

E ella dormia descuidada... E fóra
O mar gemia a musica dolente
Como uma alma perdida que erra e chora.

E o luar amoroso, mudo, algente,
Como um bandido, pela fresta veio
Entrando quieto, sorrateiramente. .

la beijal-a em voluptuoso anccio,
Mas ao vel-a dormindo entre as serenas
Ondas daquelle somno sem receio,

Hesitou em beijar-lhe as mãos pequenas,
E humildemente, e como ajoelhando
Beijou-lhe a fimbria do vestido apenas ..

E vendo-o, e o quadro olympico fitando,
Senti não sei que mystica ternura
Por toda a alma se me derramando ;

Porque atravez daquella formosura
Do corpo, os seus quinze annos virginaes
Envolviam-lhe a angelica figura
Na sombra de umas asas ideaes.

NA SOMBRA

ASSIS PACHECO NETTO

A PRIMAVERA em flor, todas as flores,
Abrem o calix ao clarão da aurora ;
Do sol vermelho aos fulvos esplendores
Brilham, esplendem rutilas agora
A primavera em flor, todas as flores.

Do ceu na curva, os passaros em bando
Passam florindo o azul com a cor das plumas
Como num rio trepidos boiando
Rendilhados alvissimos de espumas
Sobre as ondulações vão ondulando.

A natureza acorda ; a primavera
Modula accordes, canta pelos ramos ;
A luz do sol que as flores regenera,
Sonorisa a garganta aos gaturamos,
Na alma da sombra melodias gera.

E sobre flores, sobre murmurinhos,
O sol vermelho em purpuras flammeja ;
Acorda o bosque, inflorem-se os caminhos,
E a alma desperta e novamente adeja
Por um paiz de flores e de ninhos...

E entre estas flores que a alvorada tinge
E o esplendor juvenil da natureza,
Um velho tronco que a velhice finge
Dorme na sombra cheio de tristeza
Como sombria e funeraria esphinge.

Isto fitando, lembra-me o contraste
Doloroso da minha mocidade,
Dos meus vinte annos, pomba que voaste,
E esta profunda e funebre saudade,
Esta recordação que me deixaste...

Tudo o que a mocidade alegre e inflora,
Sonhos de glória, aspirações, tudo isso
Tenho, tudo isso esplende em minha aurora;
E unicamente o Amor, triste e sem viço
Dorme na sombra e entre sorrisos chora...

GELIDA

LEMBRAM-ME sempre as regiões polares
—Frias e brancas solidões immensas—
Quando meus olhos pouso em teus olhares...
Quando vejo o que sentes e o que pensas
Lembram-me sempre as regiões polares...

La, sob o escuro ceu que a bruma veste
De vaga sombra e de immortal tristeza,
Se desenrola, alcantilado e agreste,
O seio nu da triste natureza,
La, sob o escuro ceu que a bruma veste.

Os esqueletos brancos das montanhas
Sob o veu transparente das neblinas
Vão desenhando as formas mais estranhas...
Têm a tristeza enorme das ruínas,
Os esqueletos brancos das montanhas.

Quebra a funerea solidão que dorme
Em torno, apenas e de quando em quando
O phantasma de um urso negro e informe
Os vagarosos passos arrastando
Na funeraria solidão que dorme...

Assim pareces tu, pallida e fria !
Formosa filha de Albion nevoenta !
Rosto onde não resplende uma alegria,
Alma onde uma ternura não rebenta,
Assim pareces tu, pallida e fria !

Nunca um raio de amor illuminou-te
O árido seio, o coração de pedra :
Nenhuma estrella te esclarece a noute,
Nenhuma rosa no teu seio medra,
Nunca um raio de amor illuminou-te.

E a tua vida é como esse deserto
Vasto, sombrio, lugubre, gelado,—
Olha-se, e vê-se, longe como perto,
Um grande plaino branco e despovoado...
E a tua vida é como esse deserto !

Mas, como os ursos das regiões polares
Vê-se, quebrando essa monotonia,
Passar ás vezes pelos teus olhares
As sombras de uma colera bravia
Como esses ursos das regiões polares...

CHRISTO, CHRISTÃO

A HENRIQUE DE BARCELLOS

I

Era um Christo sombrio,
De olhar tranquillo e rosto macerado,
Que no marmore frio
Talhára o genio ousado
De um pobre artista obscuro...
E no entretanto
Era um primor aquillo :

Naquelle olhar suavissimo e tranquillo
E aljofrado de pranto,

Via-se deslizar todo o romance,
Todo o poema do Christo legendario,
Dor a dor, transe a transe,
Nas doloridas horas do Calvario...

Ainda ao morrer, clareava-lhe o semblante
Um pensamento bom :
Percebia-se alli, claro e sereno,
Abrindo-se da magua no veneno,
O lirio do perdão.

Devia ser assim
Esse Christo da lenda,
Que morria por nós, e que no fim
Da agonia tremenda,
Na treva do martyrio,
No dolorido horror do ultimo anseio,
Sentia ainda abrir-se-lhe no seio,
Aquella alvura virginal de um lirio!

II

A palavra sagrada
Cae do pulpito ; embaixo, a multidão
Escuta concentrada
O apostolo christão.

O padre falla em nome de uma doce
Religião de Amor, de Piedade,
E que Jesus nos trouxe,
Como um balsamo, á velha humanidade.

Cita phrases do meigo Nazareno,
E um vago mysticismo
Enche-lhe o olhar dulcissimo e sereno.
Sente-se-lhe nas phrases e no olhar
A alma tranquilla do christianismo...

E a multidão magnetisada sente
Subir-lhe na alma a crença, lentamente,
Como um diluvio branco de luar.

Depois da apothese,
A accusação ; depois do santo, o sabio ;
Depois do crente, o hereje... E desse labio
Illa pouco meigo, jorra agora e explose
Medonhamente a colera bravia.

Elle que repetia
As palavras do Christo piedoso,
Agora falla de um castigo eterno,
De um vingativo Deus, Deus Pavoroso
(Que armou a Igreja com o terror do Inferno !...)

Falla de impios : e breme
Um uivo de tormenta
Em cada phrase sanguinosa e infame
Com que fulmina a feras do atheismo...
Sorri-lhe a idea benta
De um tenebroso abysmo
Que, antes do inferno, devorasse atheus.

A' edade-media inveja a Inquisição :
Oh ! Não haver um carcere Christão
Onde apodreçam hoje os Galileus !

III

E a um canto abandonado
O Christo solitario
Reflectia no olhar amargurado
O poema do Calvario !

ÆTERNUM CARMEN

A EZEQUIEL FREIRE

UMA FLOR

—SINTO que amanheceu... Fôra, esplende a alvorada;
O sol peneira o azul de uma poeira dourada,
Os passaros, á luz que os surprehende e acorda,
Erguem o vôo ; o matto agita-se e transborda
De alegria ruidosa ; ouço rirem as aves ;
Sinto afflarem no azul, em fremitos suaves,
Azas tremulas... E eu no meu leito da alfombra
—Penetrada de magua, embebida de sombra—
Anccio pelo sol, e espero que a folhagem
Abra-se n'um hafejo oscillante da aragem

Para que eu veja o azul e que me banhe a aurora...
Aves, que ergueis o vôo errante, céus afóra !
Vós que não prende o chão por hastes ou raízes,
Que podeis fluctuar tranquillias e felizes
No esplendor matinal do céu resplandecente ;
Vós que sois livres e que podeis livremente
Gozar a luz do sol : aves, como eu invejo
Esse vôo, esse leve e caprichoso adejo
Que ergue-se aos ares, sobre as folhas, e se eleva
A' cima deste mar de tristeza e de treva !
Se eu pudesse voar como as aves !

UM PASSARO :

—Quizera

Penetrar o paiz de ouro da primavera !
Se eu pudesse transpor as nuvens, e perder-me
Na eterna luz ! Ser ave é ser pó e ser verme.
Azas de que valéis se não livracs meu vôo
Do carcere da terra ?

O sol que eu abençoô,
O sol que adoro, rola atraz dos montes ; desce
Funebremente a noute ; o céu desaparece
Na sombra ; desconsoa o silencio ; amedronta
O uivo dos mattagaes ; eu fugitiva, tonta,

Sobre o ninho desmaio... É a sós, triste abandono !
Sonho sombras de abutre adejar-me no somno !
Se eu pudesse voar como o sol !...

O SOL.

—Que profundo

Mysterio ! Que infinita a sombra deste mundo
Onde vejo fluctuar como argentina poeira
O infindo turbilhão das estrellas, a esteira
Branca da Via-Lactea ! Intermínio e radiante,
Largamente o horizonte abre-se-me deante ;
E eu, preso nesta minha orbita estreita, passo
Annos, seculos, toda a eternidade ! O espaço
—Rêde de fios de ouro—aperta-me e se enroscas
Em mim, teia de aranha encarcerando a mosca.
Se eu pudesse transpôr o ether, lançar-me afóra
Por esse largo ceu cheio de eterna aurora,
Prescrutar, auscultar a alma da immensidade !...
Adejar, sacudir azas em liberdade,
Españejar o voo em pleno céu radiante,
Transpôr mundos, correr sempre adeante, adeante,
Devassar, furna a furna, os antros do infinito !...
Baldada aspiração ! Miserrimo precito,
Insulado no mar das estrellas que vejo
Ondularem no azul em vagaroso adejo,
Sonho em balde fugir do meu carcere...

UM POETA .

—Presa,

Minh'alma quer partir o clo da natureza...
Quero erguer-me atravez da athmosphera, erguer-me
Sobre a poeira do chão, longe, acima do verme,
Fugir de mim que sou verme e poeira...

Vida,

Sombra, mysterio ! Fonte inutil, resequida,
A alma sedenta em vão pede-te um pouco de agua ..

Aspiração ! Ideal ! Ideal ! Eterna magua !

MADRUGADA PAGÃ

A LOURA deusa das manhãs radiosas
Que inflora o campo e sonorisa os ninhos,
Surge, espalhando á beira-dos caminhos
Giestas em flor e petalas de rosas.

Abre Amalthéa flórida as copiosas
Tétas; ondulam no ar os passarinhos;
Langues, as messes curvam-se aos carinhos
Das matutinas virações maviosas.

Ergue-se em meio do murthal virente
A voz de Pan que se escoar parece
Em catadupa tremula e sonóra;

E, como ouvindo a musica dolente,
Venus empallidece, empallidece..
E desmaia entre as purpuras da aurora.

SOBRE UMA CRENÇA MORTA

A MINHA IRMÃ

ENTREGARAM-TE enfim á paz do cemiterio,
Deixaram-te na cova o corpo delicado,
E a funda escuridão enorme do mysterio
Para sempre engolio-te lírio desfolhado,

Agora, na humidade aspérrima do sólo,
Te rás para abrigar-te o derradeiro somno
—Em vez do olhar materno e do materno collo—
A tristeza glacial de um lugubre abandono.

E lá, ir-te-ão roçar a alvíssima epiderme,
E, roendo-te a carne, apodrentar-te os ossos
O contacto nojento e túbido do verme
E as negras podridões dos charcos e dos poços.

E enquanto, adormecida á sombra desolada
Dos cyrestes, a carne apodrecer-te, as feras
Hão de sorver a luz ao calix da alvorada,
E hão o aroma aspirar ás frescas primaveras.

E enquanto na funerea escuridão dormires,
A terra hade sorrir nas expansões da flora,
Hão de enfeixar o céu as cores do arco-iris,
E o sol hade fulgir nas purpuras da aurora.

E tu... não has de mais colher pelos caminhos
A rubra flor aberta á madrugada, e á ave
Não mais imitarão a música dos ninhos
As doces vibrações de tua voz suave...

Amanhã tu serás o lodo de um monturo,
Uma caveira a rir um riso de idiota,
E surgirás no limo, e has de ser verme impuro,
E has de vir na herva ruim que a sepultura rota...

Embora ! Terás sempre a alvura do alabastro
A' vista espiritual de uma illusão materna...
Ah ! Para tua mãe tu serás sempre um astro
Esculpido no azul de uma saudade eterna !

S. Paulo, 1884.

UMA NOUTE DE D. JUAN

FRAGMENTO

MARIA

Amanhece... Adeus...

D. JUAN

Crença !

Sonhas, illudes-te... A aurora
Vem longe ainda, descança.
Dorme a noute ; eriante e calma,
Vae a lua ceus em fora...

MARIA

Ouves ? Acordam-se os ninhos...

D. JUAN

Orvalha as petalas da alma
A fresca da noute...

MARIA

Saltam, voam...

As aves

D. JUAN

Teus carinhos
São tão bons ! São tão suaves
Tuas palavras ! A phrase
Cae de teu labio ao meu seio
Como um balsamo...

MARIA

O'ha, é quasi
Dia ; larga-me ! Reccio
Que surprehendam-nos...

D. JUAN

Na rosa de tua bocca

Louca !

Minha bocca pouca ; aspira,
Suga-lhe o beijo e o perfume;—
Minha a'ma sonha e delira ;
A vida se me resume
Neste momento de febre...
E queres que eu fuja ! E dizes
Que eu parta, desfaça, quebre
Todos os sonhos felizes
Desta misera existencia !

MARIA

Mas olha que é uma imprudencia...

D. JUAN

Eu te amo tanto !

MARIA

Os visinhos

Podem ver...

D. JUAN

Não tenhas medo ; *

Mal voam os passarinhos...
Ah ! E' tão cedo, tão cedo !
Aproveitemos ainda
Este instante de ventura

MARIA

Hoje á noute...

D. JUAN

 Mas que infinda
Treuva ! Que longa amargura !
Um dia sem ti ! Não queiras
Tornar mais breves, mais curtas
Estas horas tão ligeiras...
E' o ceu—o ceu !—que me furtas !

Depois, bem ves, enganou-te
O crepusculo ; as estrellas
—Douradas, limpidas, bellas,
Dormem no seio da noute ;

Cerrado o humido calix,
Embaladas sobre o galho,
As rosas cheias de orvalho
Dormem na sombra dos valles ;

E os insectos multicores,
Os insectos ignorados,
Entre sonhos perfumados
Dormem no collo das flores...

Tu que em meu braço repousas,
Vê : o crepusculo aereo
É' como um véu de mysterio
Cobrindo todas as cousas. .

Ah ! Esta sombra tranquilla
Em que a alma dorme enlevada
É' como a gruta encantada
Que nossa ventura azyia...

Cada ave, sem receio,
Dorme em seu ninho escondido...
Deixa que eu durma aquecido
Pelo calor do teu seio !

Vês como a lua perdida
Em nuvens de ouro fluctua ?
Pois o amor é como a lua
No firmamento da vida !

Amar, ser amado ! Rosas,
Que mais quereis, que ventura
Quereis mais do que a frescura
Das noutes silenciosas ?

Abre tua alma sincera...
 Sobre ella a ternura espalho :
 Meus beijos são como orvalho
 Das noutes de primavera.

Vem commigo...

MARIA

Nunca !

D. JUAN

O amor

Chama-te, impelle-te... Vamos !
 A sombra fresca dos ramos
 Cobre as estradas em flor...
 Eu te amo tanto !..

MARIA

Estremece

Toda a minha alma ferida...

D. JUAN

Oiha : em nossa frente, a vida
 Sorri, esplende, floresce...
 Amo-te ; mais que te importa ?
 Que importa o que os outros pensem ?

MARIA

O teu amor me conforta,
Os teus carinhos me vencem...

D. JUAN

Ave, a debil fonte deita
Sobre o ninho de meu collo..

MARIA

Sinto que o mundo se estreita
Neste pedaço de sólo...

D. JUAN

O teu coração lateja...

MARIA (*como que sonhando*)

Só tu, na vida deserta!

D. JUAN

Si é meu labio que te beija !...

MARIA

Si é teu braço que me aperta...

D. JUAN

Vamos !

MARIA

Vamos !

D. JUAN

A caminho !

Abram-se as portas da vida...

MARIA (*desfallecendo e entregando-se*)

Sentindo o calor do ninho,

A ave cãe desfallecida...

MARINHA

A HORACIO DE CARVALHO

Eis o tempo feliz das pescarias, quando
Maio aponta, a sorrir pela bocca das flôr s.
Derramam-se na praia as gaivotas em bando...
Alerta, pescadores !

Crepusculeja ainda a aurora ; mas quem pesca
Deve esperar o dia entre as ondas, enquanto
Sôpra infunando a vela a matutina fresca,
E o sol não queima tanto.

Mulheres, fazei fogo ! Ao alcance do braço,
Mesmo á porta do rancho, a maré deita lenha ;
Apromptae o café... Vibra já pelo espaço
A buzina roufscnha.

Peixe na costa ! O aviso era de fragua em fragua,
Chama de rancho em rancho os camaradas... Eia !
As canoas estão ainda fóra da agua
Encalhadas na areia.

Prestes, descei-vos ! Ide apanhar ás costacas
A rede; ide-a enrolando a correr; collocai-a
Nas canoas ! Descendo agora nas ressacas,
Isso, fóra da praia !

E é remar, é remar para o largo... Creanças
E mulheres, em terra, aguentam, esperando,
O cabo que por sobre o azul das ondas mansas
A canóa vae dando.

Agora um canociro rede principia
A soltar; a canóa uma curva des reve...
Eis toda a rede ao mar... Voltam... A aurora, em dia,
Vae transformar-se em breve.

Duas cordas, em dous pontos da praia, arrastam
A rede ; o peixe vem no incio, encurralado...
As gaiivotas, ao sol abrindo as azas, affastam
O voo socegado

Approxima-se a rede: as boias de cortiça,
Circularmente, à flor da agua, se estreitam. Vê-se
Que a superficie azul do mar ali se ouriça,
Espinha-se, estremece ...

O peixe sente vir proxima a terra, sente
Faltar-lhe o mar, e então frenetico debate
As alças, redemoinha, estrebucha impotente,
Nas ancias de um combate.

Ha pouco tinha o mar, o grande mar profundo
As solidões sem fim, por exclusivo encerro.
Estreitam-se-lhe agora os limites do mundo
Num circulo de ferro !

Sentindo o chão subir, apertal-o, opprimil-o,
Sobe à flor da agua, tenta elevar-se, desvaira...
Uma garça no ceu transparente e tranquillo
Tranquillamente páira...

A rede emfim despeja copiosa colheita ;
Foi boa a presa ; alveja a escama das tainhas
Sobre a arcia ; a companhia exulta satisfeita.

Agéis como andorinhas,

Creanças varonis, dessa virilidade
Com que o vento do mar os musculos enrija,
Pequenitos que a lucta enche de alacridade
E a presa regosija.

Dentro dos samburás de largo bojo, e guella
Estreita, activamente os peixes amontoam...
N'um momento, a brincar, colhem a presa e della
A praia despoxoam.

Voltam... Rolos de fumo, as longe desenhados
Na transparencia azul do horisonte, anunciam
Que arde o fogo tostando os tressalhos salgados,
E que as panellas chiam.

E d'aqui a pouco, cheio o estomago, tranquilla
A alma, vêm-se, abeirando os rancho, em esteiras,
Homens dormindo, enquanto, abanando-os, oscilla
O leque das palmeiras.

Arde o sol; longe o ceu intermino se azula;
O mar, que a brisa leve encrespa, o dorso alonga
Pelo horizonte ... No ar a espaços estridula
Um grito de araponga.

Brincam alegremente as creanças errantes,
E as madcixas do seu fino cabello louro
Passam da luz do sol, como azas fluctuantes
De borboletas de ouro.

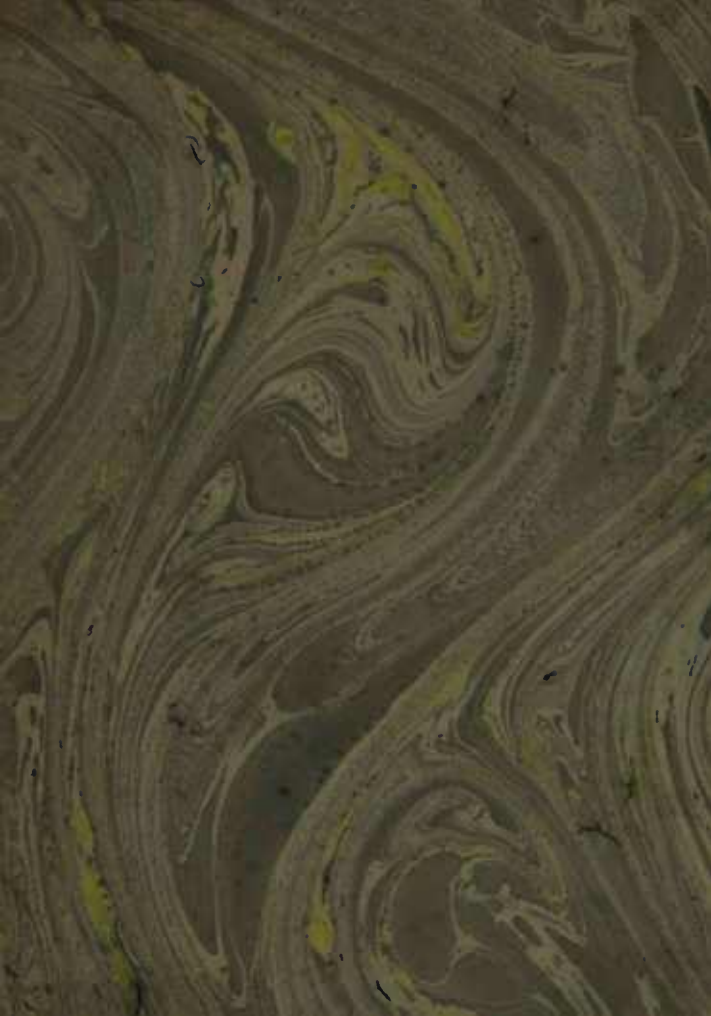
Agrupados no cmtanto á sombra, encanecidos
Pescadores de out'ora alembram com saudade
As pescarias, os mil feitos esquecidos
Da sua mocidade.

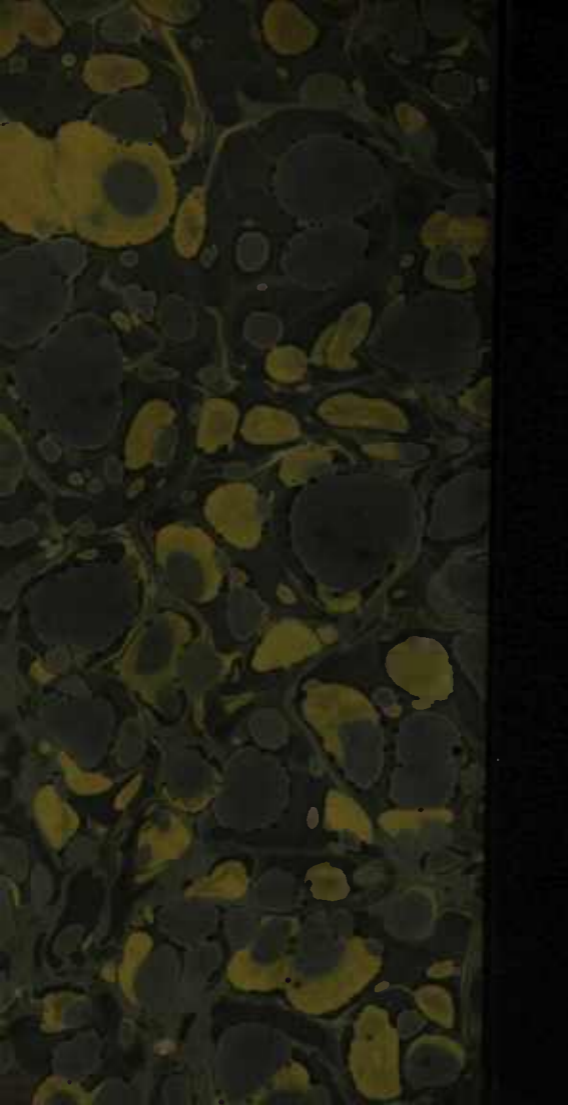
Narram-se mutuamente historias de hediondas
Luctas: cad a um os seus triumphos alardeia...

E escuta-se o rumor monotono das ondas
Quebrando-se na areia.

Guayuba — 1887.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).